

demasiadamente. O objetivo desse trabalho foi analisar as notificações de sífilis entre o intervalo dos anos 2018 a 2021 na região Nordeste.

Método: Trata-se de um estudo epidemiológico, transversal, quantitativo e descritivo realizado a partir de dados secundários obtidos no Sistema de Departamento e Estatística do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Colheu-se os dados no intervalo de 2018 a 2021, a fim de englobar períodos antes e depois do pico da pandemia. Analisou-se o total de casos de sífilis adquirida por ano de notificação nos Estados da região Nordeste brasileira, assim como raça, sexo, idade e evolução. Posteriormente, os dados coletados foram estatisticamente processados com o uso do Excel.

Resultados: No período analisado foi identificado um total de 77.676 casos de sífilis, verificando-se assim uma redução do número de notificações nos períodos posteriores a 2018, que teve 26.624 casos. Em 2019 haviam 25.157 casos (redução de 5,51% - 1.467), em 2020 15.701 (redução de 37,6% - 9.456) e em 2021 10.194 (redução de 35,1% - 5.507), comparando-se ao montante do ano imediatamente anterior. No que tange as demais variáveis, foi predominante a população do sexo masculino (61,2%), na faixa etária de 20 a 39 anos de idade (56,6%) e de raça parda (57,3%). Quanto à evolução desses casos, analisou-se que 41,6% evoluíram à cura, 0,25% para óbito e o restante foi tido como Ign/Branco.

Conclusão: Portanto, pode-se entender que a pandemia de Covid-19 causou uma redução dos casos de sífilis adquirida no Nordeste, pontuando-se fatores principais, como a subnotificação e a modificação do comportamento humano face ao isolamento social. Determinada mudança esteve associada à diminuição da procura por atendimento médico, da oferta de testes rápidos e dos parceiros sexuais.

Palavras-chave: sífilis epidemiologia pandemia Nordeste

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103115>

ANÁLISE DO NÚMERO DE INTERNAÇÕES, CUSTOS E TAXA DE MORTALIDADE NA POPULAÇÃO IDOSA POR PNEUMONIA NO BRASIL DE 2013 A ABRIL DE 2023: UM ESTUDO COMPARATIVO

João Paulo Galvão Nascimento^{a,*},
Verônica Silva Furlani^b,
Maria Fernanda Campelo Apolonis^c,
Bianca Missio Morgan^d, Isabelly Costa de Lima^e,
Márcio Fabrício Falcão de Paula Filho^a,
Emerson Carraro^b

^a Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina, PE, Brasil;

^b Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Guarapuava, PR, Brasil;

^c Universidade Salvador (UNIFACS), Salvador, BA, Brasil;

^d Universidad Sudamericana, Pedro Juan Caballero, Paraguai;

^e Faculdade Pernambucana de Saúde, Recife, PE, Brasil

Introdução/Objetivo: A pneumonia é uma infecção pulmonar que, baseada na origem infecciosa, pode ser classificada em Pneumonia Adquirida na Comunidade (PAC). A PAC é

comum em idosos, representando 30 a 40% das hospitalizações, cujo principal patógeno é o *Streptococcus pneumoniae*. Cerca de um terço dos pacientes hospitalizados com pneumonia pneumocócica necessitam de internação hospitalar. No Brasil, existem poucos dados comparativos disponíveis sobre o número de internações hospitalares (IH), custos por internações (CI) e taxa de mortalidade (TM) por pneumonia na população idosa. O presente estudo pretende realizar uma análise dessas variações nesse grupo etário.

Métodos: Estudo quantitativo observacional realizado através de dados coletados pelo Sistema de Informações Hospitalares (SIH/DATASUS). Foram analisadas variáveis acerca do número de IH, CI e TM entre 2013 e abril de 2023. Os participantes foram homens e mulheres brasileiros a partir dos 60 anos. As variáveis foram analisadas por meio da estatística descritiva e o nível de significância adotado foi de 5% ($p < 0,05$).

Resultados: Constatou-se que o total de idosos internados por pneumonia foi de 2.458.170, com custo financeiro superior a dois bilhões, seiscentos e trinta e seis milhões de reais aos cofres públicos e taxa de mortalidade de 216/100.000 habitantes. Observou-se ainda que o número de IH, os CI e a TM mantiveram tendência linear nos anos de 2013 a 2019, sem variações significativas. Ao comparar os dados de 2020 com a linearidade estatística dos últimos 6 anos, evidenciou-se variação da projeção para aquele ano por regressão linear ($p < 0,05$), com redução significativa de 28,3% no número de IH, seguida do aumento da TM de 19,5% em relação ao ano de 2019. Vale ressaltar que foi observado um declínio do número de IH nos anos de 2020 e 2021 entre todas as regiões brasileiras, enquanto houve aumento da TM no mesmo período.

Conclusão: No período de 2013 a 2019, o Brasil enfrentou um cenário com números constantes e elevados de hospitalizações, gastos e mortalidade por pneumonia na população idosa. Em 2020, com a pandemia de COVID-19, houve significativo declínio no número de IH por pneumonia, junto ao aumento na TM. Situação que pode, possivelmente, ser atribuída a subnotificação e a impossibilidade de diagnóstico específico para casos de pneumonia associada a outras comorbidades relacionadas ao COVID-19, além de desafios logísticos e atrasos no manejo da doença na população idosa.

Palavras-chave: Pneumonia Internação Mortalidade

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103116>

ANÁLISE DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA TAXA DE MENINGITE NO ESTADO DA BAHIA DURANTE O PERÍODO DE 2018 ATÉ 2023

Bianca Rios Sampaio^{a,*}, Ana Luiza Borges Resende^b,
Lara Cristina Alves Oliveira da Cruz^a

^a Faculdade Pitágoras, Eunápolis, BA, Brasil;

^b Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais (FCM-MG), Belo Horizonte, MG, Brasil

Introdução/Objetivo: A meningite é uma doença infecto-contagiosa, que possui elevada patogenicidade, sendo ocasionada por um processo inflamatório das membranas cerebrais e do líquido cefalorraquidiano que envolvem o sistema nervoso. A meningite viral é mais frequente, porém a bacteriana é mais preocupante, pois apresenta maior taxa de

morbimortalidade. A transmissão ocorre de forma interpersonal através das vias respiratórias, por gotículas ou secreções da nasofaringe, havendo necessidade de contato direto com as secreções respiratórias do paciente. Trata-se de uma doença na qual o diagnóstico é eminentemente clínico de confirmação laboratorial e de notificação obrigatória. Sendo assim, o objetivo deste estudo foi analisar o perfil epidemiológico dos casos de meningite na Bahia durante o período de 2018 a 2023 e sua notificação, visto a significativa diferença de casos confirmados desse intervalo temporal se comparado com os anos anteriores.

Métodos: Para a análise do perfil epidemiológico da taxa de meningite no estado da Bahia, foram utilizados dados do período de 2018 a 2023 retirados do DataSUS, o qual é abastecido pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Incluiu-se como estratos variáveis sociodemográficas como o município e o sexo, a evolução da doença e indicadores para a análise das taxas de meningite, como as taxas de letalidade e de mortalidade.

Resultados: Durante o período foram notificados 1.034 casos de meningite no sexo masculino e 727 no sexo feminino. Conforme o município de notificação, as três cidades com maiores índices foram Feira de Santana, Vitória da Conquista e Salvador. Foram contabilizados no total 283 óbitos por meningite na Bahia, a taxa de letalidade foi de aproximadamente 26,3% e o ano com maior quantidade de casos confirmados foi em 2022 com 452. De 2017 para o início do período analisado houve um avanço significativo de notificações, em 2017 foram 16 e em 2018 foram 450. A taxa de mortalidade foi maior no ano de 2022 no qual foram notificados 79 óbitos.

Conclusão: A divulgação das diferenças ecoepidemiológicas entre as regiões e os períodos analisados é essencial para a análise, com o intuito de reforçar as medidas de notificação junto à Vigilância Epidemiológica e evitar subnotificações, diminuindo a propagação da doença e promovendo estratégias de prevenção em conjunto com a população e de tratamento.

Palavras-chave: Meningite Epidemiologia Saúde pública

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103117>

ANÁLISE DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO RELACIONADO À TAXA DE MORTALIDADE POR SEPTICEMIA, NO BRASIL, DURANTE O PERÍODO DE 2015 A 2020

Camila Melo de Freitas*,
Camilla Leite Fernandes de Andrade,
Leticia Jacon Vicente, Cora Matildes Rocha Santos,
Igor Machado Sangi,
Heva Manuele de Almeida Fernandes,
Rodrigo Almeida Souza

Faculdade Pitágoras, Eunápolis, BA, Brasil

Introdução/Objetivo: A sepse é definida como uma resposta inflamatória sistêmica, com presença de foco infeccioso. É um importante problema de saúde pública, com alta taxa de mortalidade, representando a principal causa de morte em pacientes tratados em unidade de terapia intensiva. A maior incidência de sepse deve-se ao envelhecimento

da população, a procedimentos mais invasivos, ao uso de fármacos imunossupressores, assim, espera-se que esta tendência se acelere no futuro. Dessa forma, esse estudo pretende caracterizar e quantificar os pacientes que foram à óbito por sepse no Brasil no período de 2015 a 2020.

Métodos: O presente artigo se trata de um estudo transversal sobre óbitos por septicemia na população brasileira, entre os anos de 2015 e 2020. Os dados foram coletados através do Sistema de Informações sobre Mortalidade do Sistema Único de Saúde (SIM/SUS) utilizando os seguintes parâmetros: lista CID-10 em septicemia, faixa etária, sexo, ano do óbito, raça e local de ocorrência.

Resultados: Nos anos de 2015 a 2020, 1.119.236 pessoas foram a óbito por septicemia no Brasil segundo o SIM/SUS, sendo que 2015 apresentou a menor contagem com 18.595 óbitos, enquanto 2019 apresentou a maior contagem com 21.671 óbitos. Com base nos dados, foi possível perceber que o sexo feminino foi mais afetado que o masculino com uma contagem de 3.601 óbitos de diferença. Referente à faixa etária, a mais acometida foi a dos idosos de 80 anos ou mais, deixando as menores contagens para crianças entre 5 e 10 anos, que apresentam 0,7% do total. Ademais, os pacientes brancos foram mais afetados, representando 52,5% dos 119.236 óbitos, enquanto a população indígena representa apenas 0,3% do valor total. O último dado coletado foi o local onde ocorreram esses óbitos, mostrando que 89,1% ocorreram no ambiente hospitalar, seja por procura tardia ou por início de septicemia dentro do próprio hospital.

Conclusão: Pode-se concluir, que a maioria dos óbitos ocorreu em ambiente hospitalar, apontando para a necessidade de aprimoramento nos protocolos de prevenção e tratamento. Campanhas de conscientização são fundamentais para prevenir a doença em populações vulneráveis.

Palavras-chave: Sepse Epidemiologia Registros de mortalidade

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103118>

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DA INCIDÊNCIA DE LEPTOSPIROSE EM CIDADES DO LITORAL DE SÃO PAULO EM 2023: UM ESTUDO ECOLÓGICO

Ana Karollyna de Faria Santos^{a,*},
Henrique Monteiro Barbosa^b,
Lara Almindo de Souza Nobre^c, Lara Ribeiro de Pádua^d

^a Universidade Santo Amaro, São Paulo, SP, Brasil;

^b Universidade Anhembi Morumbi, Niterói, RJ, Brasil;

^c Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz, Cascavel, PR, Brasil;

^d Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL), Alfenas, MG, Brasil

Introdução: No início de 2023, o litoral do estado de São Paulo foi atingido por fortes chuvas que causaram inúmeros alagamentos, deixando muitas regiões sob calamidade. Associado a isso, no contexto de saúde pública, há estudos que mostram a relação de eventos climáticos com a leptospirose humana. Não há, até o presente momento, análises sobre a